

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem, se algum houve, as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E em mim converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se a cada dia,
Outra mudança faz de maior espanto,
Que não se muda já como soía.

Luis Vaz de Camões (2001, p.64)

7 Considerações Finais

Não é à toa que estabeleço uma conexão com Camões, ao ler seus versos. Não somos a mesma pessoa, não habitamos o mesmo espaço, nossos modos de transformação não são os mesmos e, no entanto, sentimos que habitar o tempo nos é fundamental. Mais ainda: espanta-nos que já não se mude mais como se costumava.

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”. Com este verso de Camões, expressando, de tão longe e de tão perto, a condição humana, chego ao fim de uma viagem textual. Habitamos variados espaços em movimento porque os habitamos no tempo, construindo a história.

Na introdução, identifico-me com Palomar que, com sua ânsia de realizar uma pesquisa, vive intensos sentimentos, temores, dúvidas, “um quebrar geral de todos os impulsos e contra-impulsos no mesmo alagar de espuma” (Calvino, 1994, p.9). Só não compartilho com ele a intenção de ver somente uma onda, somente um elemento, colhendo “todos os seus componentes simultâneos sem descurar de nenhum”, para que, “tão logo se dê conta de que as imagens se repetem”, perceba “que já viu tudo o que queria ver e poderá ir-se embora” (Calvino, 1994, p.8). Neste sentido, ligo-me a Camões, à idéia de transformação, que não nos permite encontrar a satisfação total e partir. Uma nostalgia toma conta de mim, devido à certeza de que não é possível ver tudo. Ao final, transformada, não vi se abrandarem os sentimentos e o desejo de busca com os quais comecei: “e do bem, se algum houve, as saudades” (Camões, 2001, p.64). Pesquisar, enfatizando o aspecto histórico e a transformação, é obter a convicção de que outras questões são sempre geradas. A busca não gera a tranqüilidade que permite ir embora, deixando as ondas e a praia. Continuo a caminhada e, no entanto, é preciso finalizar o texto.

Inicialmente, destaquei as variadas constituições do grupo familiar. Formas e ações da relação família-indivíduo foram vistas a partir de uma compreensão interdisciplinar, ressaltando várias perspectivas. Com um breve histórico a respeito dos estudos filosóficos sobre a família e sobre o sujeito, assinalo a separação que se constituiu entre ambos no Ocidente. A modernidade, no entanto, incumbiu à família a tarefa de criar indivíduos autônomos. O cotidiano familiar foi saturado de emoções contraditórias entre a liberdade de escolha e o pertencimento a um grupo. Família e formação da identidade pessoal deixaram de ser separadas para se tornarem um campo de estudo complexo. A Terapia de Família, paradoxalmente, ignorou esta complexidade, ao construir uma oposição entre família e indivíduo, em que somente a primeira foi vista como alvo de seus estudos e intervenções. O indivíduo, o sujeito singular perdeu visibilidade e, por conseqüência, deixou de existir em uma concepção sistêmica restrita. Entre o relacional e o intrapsíquico, instaurou-se uma separação, dividindo o campo. Ressaltei, então, que pontes precisavam ser construídas para relacioná-los e isto começou a ser realizado por um movimento chamado, geralmente, de integração, sendo uma vertente inicial da Psicologia, que se estendeu à Terapia de Família.

Expus a importância de um projeto científico que pretendia eliminar a subjetividade, tendo efeitos sobre a concepção das Ciências Humanas que, desejando se aproximar das Ciências Naturais, instaurou uma separação entre a construção do conhecimento e o sujeito. O método científico deveria ser a garantia de um conhecimento que se produzisse sem a participação do conhecedor. Abordei variadas trajetórias, caminhos possíveis para se pensar as Ciências Humanas, desde o século XVIII, quando a idéia de ciência vai-se consolidando como a luz que ilumina o caminho de toda a humanidade, seguindo o horizonte do progresso. Para além do horizonte, nem tudo se sucedeu como o planejado: as Ciências Humanas transformaram-se em ciências de coisas e não de

homens. As aproximações com as Ciências Naturais geraram críticas e novas propostas quanto à viabilidade de uma ciência propriamente humana.

Devido à relutância deste projeto científico, a subjetividade permaneceu excluída, exigindo que se encontrasse um caminho alternativo. Acompanhando os autores que desenvolveram estudos históricos, criando um espaço de reflexão sobre a experiência humana, encontrei outras opções: reconhecimento da filiação e trabalho sobre a herança; reconhecimento das ficções, dadas pela nossa cultura, associando-se à desnaturalização dos nossos métodos. Deste ponto de vista, proclamou-se uma ciência que seja humana, realizada por homens e mulheres, cujo método é o do “universalismo romântico”.

Relacionei a história da Psicologia à história da Terapia de Família, destacando os primeiros momentos e os primeiros mitos que fundamentaram uma imagem destas duas disciplinas. O aspecto principal ressaltou-se do desenvolvimento de um projeto científico que visava à eliminação da subjetividade. Da história da Psicologia, avultou, desde o século XIX, a interpretação de que a ciência é a observação de fatos empíricos, comprovados por experimentos em laboratório. Suprimiu-se, assim, a complexidade que podia ser representada, neste período, por Wilhelm Wundt e William James. Da história da Terapia de Família, sendo construída a partir da metade do século XX, foi ressaltada a sua vinculação com a lógica matemática. Embora a teoria sistêmica oferecesse à Terapia de Família uma opção, trazendo ao campo psicológico a idéia da relação, ela permaneceu conformada ao projeto científico que excluiu a subjetividade. Na procura de um padrão interacional, negou-se a parte, em prol do todo. Novidades surgiram, a partir dos anos oitenta, quando a Terapia de Família adotou outras referências: a primeira, desvinculando-se da Física, foi o Construtivismo, pautado na Biologia; a segunda, oriunda da Sociologia e da

Psicologia Social, foi o Construcionismo Social. Realçadas as postulações destas referências e suas conseqüentes implicações, definiu-se, ainda, um campo de exclusão da subjetividade, embora a negação tenha sido minimizada.

A concepção sistêmica, que recusou a influência da Psicanálise, embaçou a visibilidade da parte, do indivíduo. As novas formulações teóricas, como a do Construtivismo e a do Construcionismo Social, reformularam o olhar sobre o indivíduo, sem que fosse, necessariamente um retorno ao campo dos saberes psicológicos. Houve transformações, tornando possível uma maior abertura que liberalizou as formulações teórico-práticas. Neste sentido, foi importante resgatar as propostas dos sistêmicos influenciados pela Psicanálise e as das feministas, assim como diferenciar a proposta da Terapia de Família psicanalítica.

Psicologia e Terapia de Família foram igualmente vinculadas devido à discussão a respeito da fragmentação, unificação e integração de teorias e práticas, apresentadas do ponto de vista teórico, da pesquisa e da prática terapêutica. Do campo da Terapia de Família, destacou-se a defesa para que sejam integrados o indivíduo e a família, tendo no movimento de integração e em uma nova disciplina, a da Psicologia da Família, as representações mais notórias desta defesa, principalmente a partir dos anos de 1980.

Inserindo o Brasil nestas discussões, ofereci uma visão panorâmica dos estudos sobre família, terapia e terapeutas de família. Analisando alguns artigos de periódicos nacionais, chamei atenção para a importância de se conhecer este campo por meio de suas publicações de pesquisa. Esta análise ilustrativa indicou a complexidade de um campo e a variedade de temas que giram em torno dos estudos sobre família. Os artigos analisados foram demonstrativos de duas características que formam este campo: a interdisciplinaridade e a conjugação do indivíduo com a família e

com o contexto sócio-histórico. Caracterizando o campo da Terapia de Família, analisei os seus congressos brasileiros, levantando os temas dos trabalhos apresentados, os seus locais de origem e as referências teóricas citadas. Esta idéia geral, permitiu-me apresentar o campo por sua diversidade teórica, especificando os trabalhos que identificaram, explicitamente, uma idéia de integração entre diferentes referenciais teórico-práticos. Finalizei esta visualização do campo, com a análise das entrevistas de cinco terapeutas de família cariocas, refletindo sobre as transformações que vêm ocorrendo, com o enfoque principal sobre: a relação família/indivíduo, a questão da integração de diferentes teorias e a experiência do terapeuta.

Uma proposta que embasou a perspectiva de articular família e indivíduo, teoria e experiência pessoal foi apresentada. A proposta de articulação constituiu-se como um projeto que me orientou na compreensão relacional de diferentes espaços, unindo o corpo, o psíquico e a linguagem, como formas de expressão; a família e o indivíduo em uma trama de interdependência e de interlocução.

Enfim, esta é uma proposta que me auxilia, evitando a separação entre o espaço exterior e o espaço interior, embora reconheça a necessidade de distingui-los. Enfatizo a necessidade de articular estes espaços desde a introdução. Bachelard sustenta este ponto de vista: “O exterior e o interior são ambos *íntimos*; estão sempre prontos a inverter-se (...) Nesse drama da geometria íntima, onde devemos habitar?” (Bachelard, 1993, p.221); o humano é, então, identificado como um ser da “*superfície* que separa a região do mesmo e a região do outro”, não esquecendo “que, nessa zona de superfície sensibilizada, antes de ser é preciso dizer. Dizer, se não aos outros, pelo menos a si mesmo. E sempre avançar” (Bachelard, 1993, p. 224).

Há, pois, que se conhecer o humano em uma região fronteira, espacial, geométrica, mas não-euclidiana. Se existem outras formas, como as fundamentadas na medida matemática, estas não foram por mim escolhidas. Resta-me agora avançar e continuar realizando esta leitura em uma prática terapêutica que articula família e indivíduo, teoria e experiência pessoal, enfatizando o contexto sócio-histórico e a interdisciplinaridade.

“Restam outros sistemas fora
do solar a colonizar.
Ao acabarem todos
só resta ao homem
(estará equipado?)
a difícilíssima e perigosíssima viagem
de si a si mesmo:
pôr o pé no chão
do seu coração
experimentar
colonizar
civilizar
humanizar
o homem
descobrir em suas próprias inexploradas entranhas
a perene, insuspeitada alegria
de con-viver.”

Carlos Drummond de Andrade (1997, p.81)